



A Illustração Portuguesa
SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por J. Lima—*Garcia da Orta e o seu tempo*, por Pinheiro Chagas.—*Das pequenas nacionalidades europeas*, (continuação), por Alberto Pimentel.—*A folha*, versos, traducção de Germano Vendrell.—*Os eccentricos do meu tempo*, (continuação), por L. A. Palmeirim.—*As nossas gravuras*.—*Emfim sós!*, conto, por Eduardo Sequeira.—*Em familia* (*Passatempos*).—*A rir*.—*Um conselho por semana*.—*O theatro no Japão*, por A. Z. A.

GRAVURAS:—*A baroneza James de Rothschild*.—*S. M. El-rei o Sr. D. Luiz*.—*Um idyllio*.—*Alboin, rei dos Lombardos*.—*Viagens em balaço* (*o Cone-ancora*).

CHRONICA

Acredito.

Porque é forçoso depositar alguma confiança nos periodicos, e todos elles o affirmam: el-rei D. Luiz acaba de regressar á Lusitania.

Juro-lhes, todavia, que não tive ainda occasião de convencer-me occularmente d'isso, porque levei a petulancia ao ponto de chegar a horas ao vapor que devia conduzir-me ao encontro de sua magestade, e que obsequiosamente resolveu partir antes do tempo. Igual desastre succedeu a muitas outras pessoas, em cujo passado não havia sequer a mais pequena nodoa.

Restava-me ainda o recurso de



A BARONEZA JAMES DE ROTHSCHILD

me postar no transito da comitiva real, entre o Pelourinho e a Ajuda, mas n'esse espaço, aliás enorme, acotovellava-se a multidão ansiosa, e eu confesso-lhes, com a franqueza de que sou susceptivel, que me não sinto couraçado contra os cotovellos do proximo. Sem fallar do desespero que me causaria o chronista que me chamasse multidão.

Entre parenthesis, preciso declarar que, referindo-me ao numero extraordinario de lisboetas que no domingo se apinharam no caminho do monarcha, não me anima a intenção de lisongear o paladar do senhor D. Luiz. Eu não adulo El-Rei, por isso mesmo que me imponho o dever de lhe ser grato.

Desde que sua magestade assignou o decreto que me apagou no espirito a sombra um quasi nada escura do dr. Lourenço, desde que, mercê de sua magestade, fui readmittido na Escola Polytechnica onde rehabilitei o anno de vida que pretendiam inutilisar-me, é claro que me constitui na obrigação de ser dedicado a El-Rei.

Cortezãos, porém, ha muitos. A minha dedicação, quando mesmo chegue a ser utilisavel, limitar-se-ha pela de um servo, e d'esse modo será profunda e tenaz, ainda que o petroleo nacional me não leve isso a bem.

Dispensio-me, pois, de transcrevêr n'esta pagina quaesquer adulações indigestas, que nunca provam nada, que de nada servem, e que na occasião presente teriam mais a inconveniencia de incommodar os labios do leitor no commentario seguinte:

—Ainda faltava estalar este foguete. Quem lhe poria fogo?

Até comprehendo e confesso que o monarcha, entrando a barra no domingo, foi de uma crueldade condemnavel para com certa classe da sociedade, ou, melhor dizendo, para com toda a sociedade, porque me refiro á numerosa e respeitavel especie dos empregados publicos.

El-Rei tirou-lhes um feriado com que todos elles contavam, tendo-lhes pouco antes o ministerio tirado as gratificações que muitos d'elles já tinham descontado. . . em casa dos agiotas.

Pobres amanuenses! Nem lhes foram dadas essas appetecidas vinte e quatro horas de descanso. Querem matal-os com trabalho, para que a caixa das aposentações possa vir a ser, como deve, uma bonita fonte de receita.

Já não basta matal-os á fome!

Dias depois de El-Rei ter regressado á patria, festejava-se em Portugal o anniversario dos duques de Bragança. Pois ainda d'esta vez os pobres funcionarios foram prejudicados.

O principe D. Carlos e a princeza D. Maria Amelia, por um acaso que naturalmente reputam de muito bom agouro, festejam os seus anniversarios precisamente no mesmo dia. Quantas phantasias, quantas delicadezas, quantas caricias não terão bordado sobre esta coincidencia realmente pouco vulgar!

Pois quê? Não haveria n'isso uma predisposição do destino, colhendo a terra no mesmo ponto do espaço para crear duas almas que mais tarde tinham de unir-se e que só então deviam completar-se? Que deliciosa impressão ha de isto provocar n'aquelles dois corações apaixonados! . . .

Pois sim. E os empregados publicos?

Mais um feriado perderam, porque o ministerio progressista, que reforma tudo, não se atreve a metter-se com o destino. Ou tem-lhe medo, ou acha-lhe graça.

E' uma das esperanças que os portuguezes alimentam na proxima situação regeneradora. O sr. Fontes, que é intimo do sol, pode sem custo formular um de-

creto alterando convenientemente o movimento astronomico. D'outro modo, tem de arrostar com o descontentamento das Arcadas.

Lisboa, emfim, começa a reanimar-se.

Já chove de vez em quando, já ha theatros abertos, e os banhistas de quasi todas as praias vão pouco a pouco retirando. Uns porque tem já frio, outros porque já não teem dinheiro.

E a animação crescente não se manifesta apenas nas ruas da baixa, mais povoadas agora; manifesta-se tambem nas columnas dos jornaes, que levantam assumptos palpitantes, escandalos arrojadissimos, coisas que se não escrevem senão quando ha esperança de ganhar com isso alguma coisa.

Nem mais, nem menos: uma senhora approvada pela escola medico-cirurgica, com duas cruces á porta, e que, sem attenção nenhuma pela propagação da especie, provoca abortamentos a meia libra por cabeça, quando mesmo, e pela mesma quantia, não provoca tambem a morte da cliente.

Falla-se vagamente de uns trezentos casos e, diga-se a verdade, ou isto vae ser uma infamia que ha-de aviltar-nos aos olhos do mundo, ou é então uma descompassada mentira.

Pois ha quem tenha duvidas. Mesmo depois de ter lido as *Novidades*, que, em artigo de fundo, tratam esta espantosa questão. Não ha muito que outro jornal progressista, tambem do alto da primeira pagina, decretou ás turbas a expulsão do directorio republicano que chegou a sentir resfriamentos na espinha. E era uma *blague*, emfim!

O caso das *Novidades* é porém mais serio. A policia envolveu-se n'isso e, segundo parece, tem prendido a maior parte da população.

Por emquanto ninguem pode jurar que isto seja tragedia ou pantomima; é prudente porém que os senhores banhistas não regressem tão depressa á capital. A ser verdadeiro o numero dos abortamentos forçados, é impossivel que as praias não tenham dado o seu contingente.

Tresentos casos! Pois ha ainda em Lisboa trescentos varões com faculdades e appetites para provocarem semelhante monstruosidade?

E' inacreditavel! . . .

Bem faz o sr. de Mortillet que, convencido de que metade do genero humano caminha fatalmente para a desgraça e para a miseria, procura piedosamente salvar-a da maldição da outra metade, inventando theorias tendentes a justificar um certo numero de crimes.

Parabens aos gatunos.

Segundo o sr. de Mortillet, quem rouba defende-se da sociedade que lhe não dá. Rouba para não morrer de fome: é um caso de legitima defeza.

Ora, effectivamente, a lucta pela vida é uma lei que ninguem pode incriminar. Emquanto a mim, senhores ladrões, sinto-me inclinado a adoptar as theorias excetricas do magistrado francez. Se os senhores precisam, roubem.

Pois não é verdade que todos nós temos o devêr de proteger a victima que passa ao nosso alcance? E' por isso que temos tambem o direito de exigir que nos defendam quando nos cabe a vez de representarmos o papel de victimas.

Roubem, senhores ladrões. A sociedade repelle-os, infama-os, nega-lhes amparo? Roubem!

Eu vou requisitar dois policias cá para casa.

GARCIA DA ORTA E O SEU TEMPO

I

Se a critica não tivesse acabado, como acabou, quasi de todo em Portugal, o livro cujo título serve de epigraphe a este artigo, não teria passado quasi despercebido. E' uma das obras mais notaveis do nosso tempo, e o seu author, o sr. conde de Ficalho, adquiriu com a sua publicação fóros de escriptor de primeira plana. Tanto quanto em nós cabe, vamos dar aos nossos leitores uma idéa d'este primoroso livro, que tem de original entre nós o ser um estudo perfeitamente moderno, baseado em solidas e sérias investigações, e não um pamphleto, como os que por ahí apparecem, livros pseudo-historicos, em que se verbéa o nosso passado que se conhece apenas pela rama, e em que se insultam os nossos antepassados, á mingua de ter sabido estudal-os.

Tão afastado d'esses virulentos pamphletarios, que fazem pagar aos grandes vultos da nossa historia as culpas da sua propria ignorancia, como dos escriptores encomiasticos, cujos nullos panegyricos foram causa indirecta da reacção não menos estulta que se lhes seguiu, o sr. conde de Ficalho, depois de estudar profundamente o seu assumpto, faz da epoca em que viveu o seu protagonista um quadro verdadeiramente admiravel e completamente illuminado pelo facho da critica moderna, cheio de vida, de animação e de verdade. E' d'esse quadro que nós vamos apresentar ao leitor as linhas capitaes.

E antes de tudo, duas palavras a respeito do auctor.

O sr. conde de Ficalho é uma organização verdadeiramente privilegiada, e representa um typo de homem rarissimo em Portugal. Nasceu em berço doirado, foi herdeiro de um nome perfeitamente aristocratico, illustrado em antigos tempos pelo prestigio das acções heroicas que nobilitaram os seus antepassados, illustrado no nosso tempo pelas acções nobres e honradas de seu pae, companheiro do imperador, e soldado intrepido da liberdade. Apesar d'isso trabalhou e luctou, como se não tivesse encontrado no seu berço meios de fortuna e posição social. Estudante brilhantissimo da Escola Polytechnica, logo ao sair da Escola conquistou, por um esplendido concurso, um logar no corpo docente, e passou sem transição do banco de estudante premiado para a cadeira de lente substituto de botanica. Homem de sociedade, na sua mais fina e mais elevada expressão, casou com uma senhora, que era uma das estrellas do nosso mundo elegante, e o seu salão reunio portanto todos os prestigios que attrahem e prendem. El-Rei chamou-o para junto de si, dando-lhe o emprego de camarista, e revestio-o dos arminhos de par do reino. Lente da Escola Polytechnica, par do reino, socio effectivo a Academia Real das Sciencias, camarista de El-Rei, descendente de uma das primeiras familias de Portugal, o conde de Ficalho, por si e por sua esposa um dos dictadores da moda, tinha o plenissimo direito, desde o momento que tencionava escrever livros, de os escrever detestaveis, e era isso o que todos esperavam. Os frequentadores das suas salas, os seus collegas no Paço, esperavam receber do conde de Ficalho um livro magnificamente impresso, de que diriam maravilhas, sem nunca o terem aberto. Era o seu direito, era quasi o seu dever de fidalgo portuguez.

Os gentis-homens da velha rocha tinham o costume de encarregar os poetas seus protegidos de escreverem odes admiraveis, reservando-se para si o direito de fazerem magestosamente umas odes duras e uns sonetos errados, que bastavam comtudo para lançar n'um extasi perfeito os seus admiradores.

De forma que o conde de Ficalho lucta com essa enorme difficuldade—a de ter um nome prestigioso, e cercado de todos os esplendores mundanos. Se o sr. Antonio José Rodrigues ou o sr. Francisco Xavier Fernandes tivessem escripto o *Garcia da Orta e o seu tempo*, ou a *Flora dos Lusíadas* ou os *Contos alemtejanos*, o primeiro que os lesse diria: Sabem que apparece agora um novo genio—o Antonio José Rodrigues ou o Francisco Xavier Fernandes? E todos corriam a devorar a obra assim annunciada. Mas quando se diz: E' verdadeiramente admiravel a obra do conde de Ficalho! todos respondem, encolhendo os hombros:—(Ora! forte novidade! pois o conde de Ficalho é um rapaz de muito talento. E não lêem!

Para que? Não estão elles fartos de conhecer o que é e o que vale o conde de Ficalho, um rapaz encantador, nobre como os que o são, instruido como poucos, a um tempo camarista elegante, academico e par do reino, á vontade em toda a parte, nas salas e nas aulas, na Academia e na Camará, no paço e nos bastidores? O conde de Ficalho! oh! um bello moço e de muito talento!

E é necessario que a critica lhes diga e lhes prove: Tudo isso é verdade! e o conde de Ficalho pertence incontestavelmente a essa raça de fidalgos escriptores como ha muitos em França e pouquissimos em Portugal, á raça dos d'Haussonville, e dos Noailles, e dos Broglie, mas o livro que elle escreveu não o escrevia de certo nem o sr. Othenin d'Haussonville, nem o sr. marquez de Noailles, nem o sr. marquez de Beauvoir, é um livro

como os que escrevem em França os normalistas, os Taines e os Boissier, um livro que inicia entre nós um genero novo, o genero dos estudos historicos feitos seriamente e fazendo reviver de véras as epochas de que se occupam, um livro que ha-de ficar, e que ha-de ser...pre ser consultado pelos estudiosos como o hão-de ser as monographias rhetoricas de uns e os pamphletos perfeitamente disparatados dos outros, pamphletos e monographias que são aquelles o Evangelho da escola nova, estas a pasmaceira da escola velha, e que servem de pamphletos aos caturras para com elles desacreditarem a escola critica moderna, as monographias aos peraltas da critica para darem com ellas na cara dos que se revoltam contra a inepta virulencia das suas apreciações.

Posso porém esfalfar-me a demonstrar o que tenho asseverado. Para que o publico bem comprehenda o valor immenso do *Garcia da Orta e o seu tempo*, preciso de lhe dar uma idéa do que elle é e do que vale.

Era difficil o estudo da vida de Garcia da Orta porque são rarissimos os elementos que se encontram para a sua biographia, e precisou o sr. conde de Ficalho de os congregar e de os recompor com immenso trabalho, com uma investigação collossal e com uma grande perspicacia de conjecturas.

Tomando-o em Elvas, onde Garcia da Orta nasceu, segue-o o sr. conde de Ficalho aos grandes centros scientificos onde elle então estudou o pouco que se sabia. Em Salamanca e em Alcalá correram os mais florentes annos da mocidade do homem que havia de ser depois um dos primeiros botanicos do seu tempo, e que havia de ter a gloria de ser o primeiro a observar n'esse Oriente, onde o sol ardentissimo lhe fecunda os germens latentes, essa terrivel doença do cholera, contra a qual ainda hoje se defendem energicamente os povos occidentaes.

A vida de Alcalá, sobretudo, está descripta pelo sr. conde de Ficalho com extrema vivacidade. Vemos o que era aquella sciencia enredada da idade media, que ainda dominava nas Universidades, que a luz do livre exame conseguiu por um pouco dissipar, mas que foi reconstruida depois no seu mecanismo complicado e obscuro pela Companhia de Jesus, quando se assenhoreou do ensino. Essa sciencia nada devia nem á experiencia, nem á observação, toda permanecia na contemplação e no culto supersticioso dos artigos: os astros da medicina, em torno dos quaes esteve a sciencia a gravitar dez seculos eram Hippocrates e Galeno, a summa emfim de todos os conhecimentos humanos era Aristoteles.

A sciencia, por isso mesmo que era em grande parte ôca e vã, assumia um caracter mysterioso que infundia respeito aos profanos, e que lhes fazia encarar a iniciação n'esses segredos como o triumpho supremo a que podia aspirar a mais ambiciosa intelligencia humana. Por isso tambem os graus do doutorado não só era difficil conquistal-os na lucta scientifica, mas os mais audazes talentos podiam ainda ficar privados d'essa consagração suprema por não terem meios de fortuna para a conseguir.

«O examinando, diz o sr. conde de Ficalho, devia dar a cada um dos examinadores, doutores e mestres da sua faculdade que estivessem presentes ao acto, duas dobras ou *cas'elhanos*, uma tocha e uma caixa de diacitron, um arratel de confeitos, e tres caes de gallinhas. Como o exame acabava tarde, devia ter preparada uma ceia para todos; sómente não era obrigado a dar mais de um frango, uma perdiz ou duas rolas, uma escudella de manjar branco e duas fructas a cada um, com o pão e vinho competentes. Este era o *menu* official, mas parece que na pratica se alargava bastante. Servia-se uma lauta ceia, em que se tornava notavel a famosa salada, chamada *real*, composta de fructas e hortaliças variadas, ovos, confeitos, grangeia, cerejas de conserva e outros ingredientes. Entremeavam-se as solidas orações com as solidas refeições feitas á custa do graduando.»

Note-se que estas despezas eram apenas parte das que reclamava um simples grau de licenciado. O doutoramento com as despezas da procissão solemne e da tourada de rigor arruinava um homem rico.

Simple licenciado voltou Garcia da Orta á sua patria e foi ser medico do partido, como hoje diriamos, para Castello de Vide. Encontram-se na Torre do Tombo os alvarás que lhe concederam o direito de exercer a medicina em Portugal, depois de prévio exame feito perante o physico-mór, e o direito de ter mula para seu serviço, sem precisar de ter tambem cavallo. Essa licença já começava a ser mera formalidade, e assim se foram acabando em Portugal as famosas caudelarias de D. João II. Os rigores do principe perfeito eram excessivos, mas entrou-se cedo de mais a esse respeito n'uma relaxação completa.

Como hoje e mais do que hoje ainda, a tentação de todos os homens de certa educação, que viviam na provincia, era virem para Lisboa. Foi o que fez Garcia da Orta, mas teria que se arrepender, porque se não conquista de um momento para o outro, vindo da *parvalheira*, uma clinica importante n'uma terra como Lisboa. Parece que lhe valeram porém amigos importantes, alcançando-lhe o ser chamado pelo conselho da Unisersidade a reger interinamente uma cadeira de artes na Universidade. Vê-se que foi um expediente para viver, porque era chamado a ensinar não alguma das doutrinas em que tão eximio foi, mas logica. Pouco tempo alli esteve e em 1534 partio para a India, onde a sua vida se torna tão interessante que, para a descrevermos e para

descrevermos a sociedade originalíssima em que vae viver, passaremos muito de relance pelo quadro admiravel e cheio de verdade que o sr. conde de Ficalho traça da Lisboa no seculo XVI.

PINHEIRO CHAGAS.

DAS PEQUENAS NACIONALIDADES EUROPEAS

VIII

O Principado de Monaco

Não obstante o traço similar da moralidade publica, que aproxima os dois pequenos estados, S. Marino e Monaco, é certo que estes dois estados se acham moralmente separados por uma distancia immensa na sua organização social e regimen politico.

Ao passo que S. Marino é uma republica democratica, notavel pelo seu bom senso e espirito liberal, offerecendo á Europa o espectáculo respeitavel de uma familia de cidadãos que vive ditosa e unida, honrando, em cada novo acto, as suas tradições communes de quinze seculos, Monaco é uma monarchia absoluta, tão absoluta, de resto, como duas das maiores nações europeas, Russia e Turquia, um pequeno principado cuja historia gira em torno da dynastia dos Grimaldi, e é por elles absorvida, a ponto que toda a historia de Monaco é a historia dos seus principes, nada mais.

Mr. Raymond de Boyer de Sainte-Suzanne, o nosso amavel *cicerone* de S. Marino e Monaco, sem embargo de ter por este ultimo estado uma sympathia muito especial, não pôde deixar de confessar que se a historia de S. Marino, salvas raras excepções, é toda impessoal, porque é a historia de um povo, a de Monaco, pelo contrario, é a glorificação dos seus principes, aliás valentes e generosos, a historia dos Grimaldi.

Ora a sympathia de Raymond de Boyer por Monaco explica-se facilmente. Seu pae, o barão de Boyer de Sainte-Suzanne, fallecido em 1884, foi governador geral de Monaco durante dez annos, de modo que o filho não fez mais do que affirmar a sua nobre gratidão pela estima e consideração que seu pae merecera ao principe Carlos III e aos habitantes de Monaco.

Mas nós, que estamos escrevendo mais desafogadamente, sem attracções ou repulções de nenhuma especie, confessamos francamente que a republica de S. Marino, estudada na sua historia, nos encanta muito mais do que o principado de Monaco, estudado por igual processo.

S. Marino é uma nacionalidade consistente, heroica na sua pequenez, opulenta de tradições impregnadas de côr local e de espirito patriótico. É uma individualidade collectiva perfeitamente caracterizada, original. Monaco é uma collectividade inconsistente, sem unidade, fluctuante, invadida por estrangeiros de toda a especie, conservando vestigios do protectorado hespanhol, da influencia franceza e da occupação sarda, não tendo costumes proprios nem lingua propria.

Raymond de Boyer, apesar do seu enthusiasmo por Monaco, não pode deixar de confessar estes defeitos.

«Ha ainda em Monaco, escreve elle, costumes locais que tenham um caracter verdadeiramente original? Muito poucos: o contacto continuo de estrangeiros de todas as nacionalidades tem-n'os feito desaparecer.»

Quanto á lingua monégasca, pode dizer-se que não existe, pelas mesmas razões que explicam a perda dos antigos costumes. Está reduzida a um *patois*, amalgamado na mistura do provençal, do italiano corrompido, do francez e do hespanhol.

Mas, de preferencia, accentua-se em Monaco a influencia franceza. O principe reinante reside, durante o inverno, no principado: e uma grande parte do anno no seu palacio da rua Saint-Guillaume em Paris. Farta-se de ser parisiense o principe, de modo que ao voltar a Monaco não pode deixar de trazer consigo a influencia do meio francez em que viveu.

Por todas as razões que deixamos indicadas, as nossas sympathias por S. Marino são maiores do que por Monaco, mas de nenhum modo isso impede que sejamos justos e imparciaes ao escrevermos esta breve noticia do principado.

Como já tivemos occasião de dizer, a historia de Monaco é a historia da dynastia dos Grimaldi.

O *Almanach de Gotha* diz que esta dynastia reina em Monaco desde 968. Convem notar, porém, que a linha masculina d'esta illustre familia se extinguiu em 1731 com Antonio Grimaldi. Se ainda hoje se conservam o seu nome e brasão, foi porque o conde de Tiorigny, Francisco de Matignon, casou com Luiza Hippolyta, duqueza de Valentinois, filha de Antonio Grimaldi, o ultimo representante da linha masculina.

Os ligures, expulsos da peninsula iberica pela invasão celta, occuparam as costas gallo-italas desde os Pyreneus até ao Arno. Alguns historiadores antigos que fallam de Monaco dão-lhe o no-

me de *Monæci Arx* ou de *Herculis Monæci Portus*, sendo possivel que esta denominação se refira ao Hercules phenicio, protector do commercio e das expedições maritimas.

Longo tempo viveram os ligures em lucta encarniçada com os romanos, os quaes acabaram por tomar posse da Liguria no anno 109.

Conquistada por Theodorico em 495, reunida ao imperio grego por Narsés, vencedor dos godos, a Liguria foi arrebatada aos gregos pelo rei dos lombardos Rotharis (590). Em 775, a Liguria fez parte dos estados de Carlos Magno e, finalmente, em 812, os sarracenos devastaram a sua costa.

Em 973, Guilherme I, visconde de Marselha e conde de Arles, resolveu combater os sarracenos, para o que obteve a poderosa cooperação de um valente senhor, *potenti viro*, Giballino Grimaldi, a quem concedeu, como recompensa dos seus serviços militares e por uma carta dada em Arles no mez de setembro de 980, toda a costa que se estende de Saint Tropez a Fréjus.

Resulta d'esta doação que em 980 a casa Grimaldi fôra investida de direitos soberanos.

Um certo Grimaldus, senhor de Antibas em 950, e bisneto de Theodebaldo, teria esposado Crispina, filha de Roberto I, duque de Normandia, e d'esta união haveria nascido Giballino. A ser exacta esta tradição, Grimaldus, conquistando Monaco aos sarracenos meiado o seculo X, teria recebido de Othão o Grande, por um édito datado de Ratisbonna em 968, a posse do terreno conquistado. E sendo assim, esta doação precederia doze annos a do golpho de Saint Tropez a Giballino Grimaldi, que seria o proprio filho de Grimaldus, primeiro senhor de Monaco.

Resumindo, sabemos que a familia Grimaldi gosava do direito de soberania desde o seculo X; e pelo que respeita a Monaco, ha fortes probabilidades de que fosse conquistado aos intieis por Grimaldus, sancionando o imperador Othão a conquista pelo édito de Ratisbonna.

Durante a guerra das investiduras, Guido, filho de Grimaldi II, senhor de Monaco, seguiu o partido do imperador Henrique IV, chegando a ser almirante do imperio. Assim a dynastia dos Grimaldi se foi nobilitando pelos feitos de varões illustres, alguns dos quaes tomaram parte nas cruzadas, sob a bandeira de Christo.

Frederico Barbaroixa repremiu sanguinolentamente a reacção das cidades italianas contra a dominação allemã. Genova, aterrorizada, prestou obediencia e vassalagem a Frederico, que lhe concedeu o direito de dominio sobre os habitantes da Liguria, desde o porto de Monaco até Porto-Venere. Em 1191, Henrique VI, filho e successor de Frederico Barbaroixa, foi ainda mais explicito: deu aos genoveses a posse da montanha e do rochedo de Monaco com o porto e as terras adjacentes: *possessionem corporalem*. Estas doações foram successivamente confirmadas por Frederico II e pelo conde de Tolosa, Raymundo V. É claro que por ellas eram atropellados os direitos de soberania dos Grimaldi, muito fracos para lhes oppôr uma resistencia efficaz; mas não cruzaram decerto passivamente os braços, porque quando os genoveses tomaram posse definitiva de Monaco em 1215, foram obrigados a reconstruir o castello e as fortificações.

Genova dominou Monaco durante mais de cem annos.

Na famosa lucta do sacerdocio e do imperio, Genova teve que lutar braço a braço com Pisa, que venceu na batalha naval ferida perto de Meloria, batalha em que tomaram parte entre os genoveses muitos membros da familia Grimaldi. É verdade que os genoveses tiveram mais tarde a sua *revanche*, tambem perto de Meloria. Em 1260 fora assignada uma transacção entre Carlos d'Anjou e os deputados de Genova, contando-se entre estes um Grimaldi, mas em virtude d'essa transacção continuou Monaco a pertencer aos genoveses.

No seculo XI Genova tornou-se uma republica florescente e poderosa, rival de Pisa e sobretudo de Venesa. Mas a lucta entre guelfos e gibelinos provocava dissensões intestinas, em torno do poder que era disputado por quatro familias: os Spinola e os Doria, chefes do partido gibelino; os Grimaldi e os Freschi, chefes do partido guelfo.

Batidos em 1271 pelos Spinola e pelos Doria, os Grimaldi pediram auxilio a Carlos d'Anjou, irmão de S. Luiz, que, depois de haver pelejado nas cruzadas e de ter suplantado dois competidores, Manfredino e Conradino, tomou posse do reino de Naples, tornando-se por assim dizer o arbitro da Italia.

Carlos d'Anjou prestou o auxilio pedido e, graças a elle, Francisco, chefe da casa dos Grimaldi, ponde entrar como soberano em Monaco.

Ardente partidario do papa, Francisco Grimaldi tomou o commando de uma frota de quarenta galeras, que lhe confiou Carlos d'Anjou, e emprehendeu uma expedição contra Genova.

Gracias á intervenção do papa Adriano V fez-se a paz, sendo Monaco conservado aos Grimaldi (1276).

O successor de Francisco foi seu filho Rainier I, que fortificou Monaco e que, depois de ter repellido um ataque dos genoveses contra Monaco por Conrado Spinola, tomou elle mesmo a offensiva, forçando a entrada do porto de Genova e fazendo prisioneiro o chefe dos Doria (1300).

Um tratado de paz assignado n'esse mesmo anno entre Carlos d'Anjou e a republica de Genova veio, porém, prejudicar a posição vantajosa dos Grimaldi, por isso que, em virtude d'es-



S. M. EL-REI O SR. D. LUIZ

se tratado, Monaco voltava ao poder dos genovezes. Rainier II teve que ceder, mas não sem haver obtido condições vantajosas, taes como: faculdade para os Grimaldi, os Fieschi ou outras familias guelfas permanecerem em Genova com segurança; indemnisação dos prejuizos soffridos por Francisco, Gabriel, Amaldo e Rainier Grimaldi; conservação, em proveito dos Grimaldi, de todas as machinas de guerra, iustrumentos e material que se encontraram na praça, etc.

Rainier Grimaldi retirou-se, profundamente abatido de animo, para Noli, aonde o foi despertar o rei de França, que estava em guerra contra os flamengos e que, em premio dos serviços que Rainier prestára, lhe conferiu a dignidade de almirante e doou rendas importantes.

Monaco continuava em poder dos Spinola, mas o irmão de Rainier, Francisco Grimaldi, alcunhado *Malizia*, resolveu tomal-o por astucia. Na vespera de natal de 1306, conseguiu introduzir-se em Monaco vestido de frade; protegido pelas trevas, ponde reunir os seus correligionarios, dominar as sentinellas, abrir as portas para que entrassem os conjurados. Os Spinola, surpreendidos por emboscada, tiveram que fugir no dia seguinte.

Rainier II, espiritado pela posse de Monaco, prestou grandes serviços militares ao partido guelfo, portanto á Santa Sé.

Mas a emboscada dos Grimaldi não tardou a ser paga por uma emboscada dos Spinola, que, graças á traição do governador, poderam entrar em Monaco em 1327.

O rei de Napoles, grato a Rainier II, enviou-lhe soccorros contra os Spinola e o representante dos Grimaldi ponde de novo retomar Monaco em 1330.

(Continúa).

ALBERTO PIMENTEL.

A FOLHA

(DE ARNAULT)

Do teu ramo desligada
pobre folha abandonada
onde vaes?—Não sei dizer!
Ao passar da tempestade,
eu, pequenina, a tremer,
mal segura e descuidada,
fui na primeira rajada
que fez o ramo pender.
E desde então, sem piedade,
invisível vendaval
me arrasta na immensidade,
desde o casal á cidade,
da montanha até ao val.
Vou onde tudo se perde
sem destino, sem saber
onde acaba o louro verde,
a rosa e o malmequer.
Porem, seguindo a voragem,
talvez encontre, afinal,
um braço amigo, uma aragem
que me roube ao vendaval!

GERVANO VENDRELL, trad.

OS EXCENTRICOS DO MEU TEMPO

O Padre Alcaparra

Era um ratão. Quiz designal-o com um epitheto mais litterario, mas não achei outro. Um ratão, é que o homem era. Dizia-se egresso, mas em vez de lastimar a extinção dos conventos, e a impiedade do seculo, andava pelos botequins pregando uns sermões de duvidosa orthodoxia, obrigados a copinhos de cognac, que lhe davam os ouvintes, até o pôrem em estado de não dizer coisa com coisa. Quem realmente era o padre Alcaparra, ninguem o sabia.

Dizia-se que tinha sido famulo d'um convento, e que, pela extinção das ordens religiosas, fôra posto na rua, com o seu acanhado peculio de latim, e um incompleto conhecimento de formulario ecclesiastico.

De medeana estatura, quasi sem dentes, de faces enrugadas, e olhos pequenos mas vivos, o padre Alcaparra trajava uma ampla burjaca de panno preto, e punha na cabeça um chapéu alto, que andava ha muito tempo requerendo para abandonar o serviço. O padre não pedia esmola, mas achegava-se ás almas bem-fasejas, agora almoçando, ou jantando com uns, os nomes e as horas das comidas eram-lhe indifferentes; logo tomando café no Marrare, empuchado de mesa para mesa, como um manequim. Era doido, ou era velhaco?

Nem uma, nem outra coisa. Era simplesmente um bipede que

não tinha dinheiro, que entendia com rasão que não podia passar sem comer, e por isso se prestava a ser bôbo, em nome das exigencias da barriga.

Durante dez, ou dôze annos, durou a peregrinação do astuto egresso, frade, ou famulo de convento, não importa sabel-o; ora estanceando á porta do Gonzaga, um roliço botequineiro do Rocio, ora no Marrare de Polimento, ao Chiado, ora, finalmente, alegrando os frequentadores do Marrare das sete portas, onde o Epiphanio, o Tasso e o Theodorico iam tomar café, quando este triumvirato dispunha dos destinos do theatro portuguez, nos tempos aureos da *Prophesia* e do *Templo de Salomão*, drama sacro, em que entravam camellos, para dar côr local á acção.

Quantas vezes, á noite, não vi eu no Marrare o José Estevão, e o bonacheirão Passos Manuel, depois das grandes tempestades parlamentares de 1842 a 46, entreterem-se a ouvir as facecias do Alcaparra, vigiados de longe pela policia, que os espreitava á porta, receiando as antevesperas de nova *bernarda*, como então se chamava ás revoluções populares.

De repente o Alcaparra desapareceu. Dizia-se que andava pelas provincias, evangelizando a seu modo, e, como os antigos missionarios, albergando-se por esmola nos povoados, onde a chuva o topava de surpresa, ou os calores tropicaes lhe embargavam o passo.

Dizia-se tambem que o Alcaparra fôra victima da politica desconfiada d'aquelle tempo. O Alcaparra guindado ás alturas de conspirador!

O mais provavel é ter o Alcaparra morrido no hospital, d'essa vez resmungando a serio a ladainha de todos os Santos, a que elle em saude dava um tom comico, com a sua voz nasal, resultado das muitas constipações apanhadas nos claustros frigidoss dos conventos.

Domingos Ardisson

Viveu setenta annos, e foi a alegria de tres gerações de rapazes, que ouviam d'elle a narração das grandes pateadas dadas em S. Carlos, os episodios das toiradas, em que fôra cavalleiro o conde de Vimioso, bandarilheiro o Cazuzza, da casa dos condes das Galveias; forcados o José Horta e o Luiz Forjaz, e netto, o proprio chronista, que Deus não fadara para mais altas cavallarias.

Domingos Ardisson fôra frequentador de todas as casas de pasto de Lisboa, desde o Penim até ao Matta; desde o Ferreira, da Horta Secca, o afamado manipulador de cabeça de porco com feijão, até ao Hardy, o profundo conhecedor dos segredos da culinaria franceza.

De par com estes uteis conhecimentos, Domingos Ardisson, como um dos leões da moda que fôra, desde 1836 a 1842, tivera a honra de apertar a mão, e de ter entrada franca nos camarins das primas-donnas de S. Carlos, desde a Luiza Mathey e a Fabbrica, até a Novello e á Stoltz. Este trato com as mulheres de theatro, sem excluir a convivencia com outras grandes peccadoras, adestrara-o a sentir-se á vontade, mas respeitoso, quando o acaso o approximava de verdadeiras senhoras.

Sabido já da adolescencia, em 1834, todas as impressões d'aquella epoca memoravel lhe haviam ficado na memoria. As côres azul e banca da bandeira constitucional, eram as suas côres predilectas, e o cigarro bregeiro, que D. Pedro IV fumava, o typo, o ideal do cigarro-veneno, com que durante muitos annos o contracto de tabaco mimoseou o publico. Em 1836, Domingos Ardisson fazia parte da guarda nacional, e alegrava as casas da guarda com os seus ditos chistosos, e com um milhão de anedotas e aphorismos d'alcôva, que elle punha em circulação com uma gravidade imperturbavel.

D'esta epoca datam as suas predilecções politicas pela dictadura de Passos Manuel. Ainda assim, Domingos Ardisson adorava o grande tribuno só por metade; a outra metade da sua admiração consagrava elle a José Estevão, de quem se fizera apologista nos botequins, virgulando os elogios com copos de cognac, que bebia de estalo, por um processo só d'elle conhecido, e de mais ninguem.

Parece-me que estou ainda a ver o Ardisson de casaco azul, de botões de metal amarello, calça côr de flôr d'alecrim, luva côr de palha, e *la poitrine en dehors e le derriere en sortant*, como elle dizia, por brincadeira, dever ser a posição do homem que não quizesse passar por malcreado na opinião das mulheres.

Em 1846, Domingos Ardisson foi *arvorado* em ajudante d'ordens do conde de Mello, acompanhando este caudilho militar nas evoluções do Alentejo, travando por este tempo conhecimento com o Galamba, e outros guerrilheiros notaveis do partido popular. De volta a Lisboa, continuou Domingos Ardisson a ser bem-quisto na roda dos politicos, e dos *dilettanti* de S. Carlos. Pouco mais ou menos por este tempo, fôra Domingos Ardisson uma das testemunhas do duello que teve logar entre José Vaz de Carvalho, pae da senhora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, o tenente de cavallaria José d'Attaide, da conhecida familia dos Attaiades de Leiria. O duello era á espada, e o local escolhido o Campo Grande.

Logo ao primeiro botte cahio José Vaz de Carvalho prostrado, com uma profunda cutilada que recebera na cabeça. O medico assistente dizia que a ferida era mortal, e as testemunhas, receiando entrar na cidade trazendo um cadaver, estiveram quasi ressolvi-



UM IDYLLIO

das a lançar a um poço que havia no Campo Grande o corpo do supposto morto. Venceu porém mais meditado alvitre, e José Vaz foi trazido para a cidade, luctando ainda durante mezes entre a vida e a morte, triumphando porém a robusta organização do enfermo.

Apesar de nunca haver pertencido ao exercito, um projecto de lei especial, que nenhum deputado impugnou, deu a patente de alferes a Domingos Ardisson, patente que uma reforma posterior melhorou na de capitão, e que este acceitava como recompensa devida aos seus problematicos serviços militares.

Um dia, Domingos Ardisson, que estava hospedado em casa do seu particular amigo Antonio Maria Fidié, no Campo Grande, e que com este saíra a passeio, ao cumprimentar umas senhoras que iam passando, recuou, caindo dentro de uma valla, e quebrando uma perna.

D'este triste accidente se servia depois a victima para discursar sobre o rifão que affirma, pôr *Deus a mão por baixo, ao menino e ao borracho*, abonando a sua veracidade, por que, dizia: foi-me necessario estar em jejum para quebrar uma perna, quando tantas vezes podia ter quebrado ambas, depois de jantar!

Nos ultimos annos da sua vida, alegre e accidentada, Domingos Ardisson pertencia *par droit de conquête, e par droit de nais ince* aos chamados «Veteranos da Liberdade» e era elle quem, nas usuaes paradas do dia 24 de julho, tinha a honra de levar a bandeira azul e branca, que meio seculo antes fluctuára pela primeira vez nas fortalezas de Lisboa, e no tôpo dos mastros dos navios fundeados no Tejo.

Uma funda cicatriz na face esquerda, reminiscencia d'antigas rapasiadas, e ainda posta mais em evidencia pelo coxear do porta-bandeira dos «Veteranos da Liberdade» tudo dava a Domingos Ardisson *le physique du metier*, apesar de lhe faltar a materia prima para poder, como Cesar, escrever os seus commentarios.

Havia mezes que se sentia adoentado, quando Domingos Ardisson resolveu recolher-se ao hospital militar da Estrella. Ahi mesmo nunca o abandonou a boa disposição do seu espirito, mandando, na vespera de morrer, participar a imprensa, por um amigo que o visitara, que estava chegado ao termo da sua peregrinação, e prevendo quão pouco luzido havia ser o seu funeral, recordava com um outro amigo o dialogo que ha muitos annos tivera com o marquez de Castello Melhor, e que em breve ia ser justificado.

Um dia, Domingos Ardisson, precisando de mil e duzentos reis, e não os tendo, encontrou por acaso o marquez de Castello Melhor, a quem interpellou assim:

—«O' Marquez, você é meu amigo?

—«Que pergunta! Então, por que?...»

—«Se eu morrer, vai ao meu enterro, pois não vai?

—«Naturalmente. Respondeu o Marquez.

—«Pois dê-me você cá o quartinho que tenciona gastar no aluguel do trem, e ficamos quites.

O marquez de Castello Melhor deu-lhe o quartinho, com que Domingos Ardisson dizia ter ganho tres libras á *batota* em casa do Paula, um jogador que *dava partida*, por detraz de S. Domingos.

São inumeras as anedoctas attribuidas a Domingos Ardisson, e as replicas promptas e felizes que tinha para tudo. Morava elle havia annos n'um terceiro andar da travessa de S. Mamede. Recolhendo-se uma vez a casa, já pela madrugada, encontrou um gatuno tentando abrir-lhe a porta com uma gasua. Tanto foi vél-o, como travar-se o seguinte dialogo:

—«Esteja descansado que lhe não faço mal, nem chamo pela policia. Vamos, quanto tem você ahi na algibeira?

E o gatuno cheio de medo a responder de prompto:

—«Tudo o que tenho de meu, são 680 réis.

—«Exactamente o dinheiro que eu deixei em cima da mesa, quando sabi. Ora ponha para cá os 680 réis.

—«Mas...»

—«Aqui não ha mas... nem meio mas... Venha o dinheiro, e dê-se por satisfeito.

O gatuno entregava resmungando os 680 réis, e no outro dia Domingos Ardisson contava, muito alegre, o processo empregado por elle para roubar um ladrão, dizendo que ia tirar licença do governo civil para continuar a explorar a sua nova industria.

Em um dos ultimos ministerios presidido pelo sr. conde de Thomar, e sendo ministro da guerra o general Ferreri, ainda contra parente de Domingos Ardisson, empenhava-se o general em lhe obter um logar na alfandega, a que os collegas objectavam que não podia ser, não tanto pelo pretendente ser patuléa, como por uma outra razão de maior peso.

—«Então que razão é essa que se não pode dizer? perguntou Domingos Ardisson ao seu protector.

—«E' porque dizem que você bebe...»

—«Bonita razão, não tem duvida! Eu bebo... e vocês comem.

E julgando-se vingado com a replica, nunca mais voltou a pedir empregos, até que um dia a camara dos deputados lhe fez válida no exercito a sua patente d'official de segunda linha.

A'nda uma outra chistosa anedocta, para terminar:

Um dia Domingos Ardisson pretendia um adiantamento de certo argentario, que emprestava dinheiro sobre penhores.

—«Que caução me dá o senhor ao emprestimo? Perguntou o usurario.

—«O amigo nunca ouviu fallar nas *nossas* colonias? De certo ouviu: pois, dou-lhe de penhor o quinhão que me pertence nas colonias, que são *nossas*.

O agiota riu... mas não acceitou o negocio.

O Ricardo Ponto

Tinha 24 annos ao começar o seculo, 73 quando eu o conheci, e mais 11 ainda por cima, quando se deixou morrer, como se morre aos 84 annos, enfasiado de si e dos outros.

Chamava-se Ricardo José Fortuna, mas todos o conheciam pelo «Ricardo Ponto» profissão que exerceu durante cincoenta annos, arrastando-se por baixo do palco, tendo-se fartado de ouvir declamar mal, e por um lenitivo á sua condição de emparedado, o poder ver sem binoculo as pernas da Emilia das Neves, que o Nunes, sem filho, (a) por esse tempo elogiava em prosa e em verso, em populares opusculos, que não eram nem de moral, nem de hygiene.

Era de elevada estatura o Ricardo Ponto, ou o Ricardo José Fortuna, como quizerem, tinha muito pronunciadas todas as feições, dando uns certos ares de Luiz XVI, como as gravuras o representam, o que sempre me fez suspeitar que o sangue de alguém dos Bourbons corria nas veias do modesto auctor das *As-tucias de Zanguizarra*, farça representada e impressa em 1819, no mesmo anno em que o José Daniel aconselhava a um amigo, no «Almocreve das Pêtas», que imprimisse os seus livros em papel grosso, *para terem peso mais favoravel quando os fosse depois vender ás tendas!*

O Ricardo Ponto era francamente um homem do seculo XVIII, mal ageitado ao viver do nosso seculo, e que andava como que espantado dô que se dizia em S. Bento, e do que se escrevia nos jornaes. Antigo frequentador do botequim das Parras, e fanatico admirador de Bocage, de quem sabia de cór um grande numero de poesias, e ainda um maior numero de anedoctas, o Ricardo entendia que só o padre José Agostinho era poeta para se medir com o Antonio Maria, como elle familiarmente chamava ao Bocage. Como prova da sinceridade do seu julgamento litterario, o Ricardo recitava-nos, a Mendes Leal, a Rebello da Silva e a mim, uma pessima elegia, impressa em 1832, em que elle lastimava a morte do auctor da *Besta Esfollada* em versos campanudos, como os do elogio dramatico com que no anno anterior louvára D. Miguel, no seu *Vaticinio de Jove*.

Apesar da sua avançada idade, o Ricardo era um conversador alegre, e quando ás vezes, depois dos ensaios, o levavamos a ceiar, desprendia-se-lhe a lingua, e então é que era um sem cessar de pedir motes, que glosava sem correcção, mas com extrema facilidade. A nova direcção que o theatro portuguez tomára, sob o influxo da escola romantica, não o espantára, a elle, o auctor de varias farças, e de suporiferos elogios dramaticos. Os dois homens de letras que elle mais respeitava eram, Rodrigo Felner, o vernaculo traductor de grande numero de dramas e comedias; e Rebello da Silva, que elle comparava aos melhores prégadores do seu tempo, affirmando, como supremo louvor, que nem talvez o padre José Agostinho de Macedo se lhe avantajasse.

Hyperbolico, como todos os escriptores do seculo passado, o Ricardo Ponto imprimiu em 1830 umas decimas da sua lavra, que o velho actor Theodorico intercalára na farça. O «Auctor entallado», e na primeira folha do folheto lia-se: *Decimas que compoz R. J. F., e recitou o maravilhoso actor Theodorico Baptista da Cruz, (b) no theatro da rua dos Condes*. Quando falleceu o Epiphanio, em 1857, compoz elle uns outros versos, que publicou, com este estiradissimo preambulo: *Elegia que compoz Ricardo José Fortuna ao tristissimo, lamentavel e pranteado fallecimento do muito distincto artista dramatico portuguez Epiphanio Aniceto Gonçalves, de sua dosa e sempre eterna memoria, etc.*

Innocencio da Silva trata justa e desapiedadamente a elegia do octagenario auctor, accusando-o de plagiario, e de haver deturpado os versos da elegia segunda de Francisco Dias Gomes, de que o poeta fizera a sua *musa inspiradora*, accrescenta ironicamente o «Diccionario Bibliographico».

O Ricardo tinha já 83 annos, quando deu vasão ás suas saudades na elegia de que se trata, e ainda viveu mais tres, o tempo sufficiente para ajustar contas com a sua consciencia de poeta rato-neiro.

O Ricardo Ponto foi aposentado em 1850, não sabemos ao certo debaixo de que pretexto, 36 annos antes de se haver inventado a caixa das aposentações e reformas. O governo liberal amnistiava assim o velho realista que escrevera o «Vaticinio de Jove» poupando-lhe o desgosto de ir morrer ao hospital. Embuçado no seu amplo capote de camélão, forrado de castorina azul, e com os maiores oculos que eu tenho visto em nariz humano, o

(a) O Nunes era um pobre maniaco a quem haviam morto o filho n'uma arruaça politica, e por isso se assignava «Nunes, sem filho.»

(b) Não confundir este Theodorico com o o outro seu afillhado, o nosso contemporaneo.

Ricardo, ainda depois de aposentado, visitava a miúdo a caixa do theatro de D. Maria II, ufanando-se de haver sido *ponto* durante cincoenta annos, isto é, de ter vivido mais de meio seculo debaixo do chão! Nas antevésperas do dia de S. Martinho de 1860, a 8 de novembro, morria o Ricardo Ponto, quem sabe se pezaroso de não poder viver mais tres dias, para fazer uma saude com Carcavellos ao grande Santo, patrono dos que aspiram a ser macrobios.

(Continúa)

L. A. PALMEIRIM.

AS NOSSAS GRAVURAS

A BARONEZA JAMES DE ROTHSCHILD

Acaba de fallecer, com 83 annos de idade, no seu sumptuoso *chateau* de Boulogne-sur-Seine, esta dama illustre—a mais velha das Rothschild.

A baroneza de Rothschild era a personificação da bondade e do bom gosto. A vocação do bello igualava n'ella a vocação do bem.

Verdadeiro modelo de esposa e de mãe, exerceu sempre sobre todas as pessoas de sua familia uma grande e benefica influencia.

Muito nova ainda, tinha já o bom senso da mulher feita e experiente; e quando os annos lhe coroaram a fronte de cans, conservava toda a ternura do seu coração e toda a frescura e moçidade do seu espirito.

A medida que a velhice ia chegando, a baroneza reservava-se cada vez mais para o circulo estreito da familia. Não quer isto dizer que fosse estranha a tudo quanto se passava em Paris, onde brilhara como uma rainha. A illustre dama interessou-se até ao fim da vida pela politica, pelas letras, pelas artes e, sobre tudo, pelos desgraçados.

A baroneza de Rothschild tornou abençoado o nome de Rothschild entre os pobresinhos de Paris, a quem prodigalisava os balsamos da Caridade. Para estes, a sua morte foi uma perda irreparavel.

S. M. EL-REI O SR. D. LUIZ

Não caberia nos estreitissimos limites d'este semanario uma biographia do rei de Portugal, nem o escrevel-a aqui, hoje, é nosso intento.

As breves palavras de que fazemos acompanhar o seu retrato, constituem apenas uma homenagem de respeito votada ao sympathico monarcha, exprimem tão somente o nosso parabem pelo seu feliz regresso ás terras portuguezas, d'onde se affastara ha dois mezes, para percorrer, em viagem de recreio, as principaes côrtes da Europa.

UM IDYLLIO

Como a vontade o impellisse para o idyllio, o elegante rapaz da nossa gravura achou que seria plausivel adubar a poesia do mar com uma certa quantidade de proveito culinario. Sacrificava d'este modo ao ideal e ao positivo.

Exactamente n'esta conjuncção, mesclada de auroras paradisiacas e de flamas de cepa, é que se abeirou d'aquelle encontro uma gentil rapariga de olhos languidos, e, ao que parece, pouco receiosa do canto maritimo das sirenas.

O que foi que disseram? Porque está ella enleuada? Porque não pensa elle senão em miral-a e remiral-a, com um emprego de olhos repetido e teimoso?

Porque, porque...

Responde tu, musgo, que te prendes á rocha, e tu, astro, que te namoras na lympha.

Diga-o o universo inteiro, quando acorda n'um fremito que principia na relva e que termina nas espheras.

Em que haviam de conversar sendo moços, e se aquelle dia é um dia de primavera?

ALBOIN, REI DOS LOMBARDOS

A gravura que hoje damos é tirada de um famoso quadro allemão, que os anadores reputam de inestimavel valor.

Do excellento *Diccionario Popular*, que tão valioso subsidio offerece ao investigador curioso, extraimos a seguinte e interessante biographia do personagem do quadro:

«Alboin, rei dos lombardos e fundador do seu imperio, morreu em 573. Descendia dos Amalos e de uma irmã de Theodorico e succedeu a seu pae em 561. Alboin fez causa commum com Narzés, na guerra contra Totila, rei dos ostrogodos, e reunido com

os Avaros atacou os gepidos, de quem matou o rei n'uma grande batalha que lhe ganhou em 566. Depois d'este triumpho casou com Rozamunda, filha de Cunimando e sua captiva. Reunido mais tarde um exercito formidavel, emprehendeu a conquista da Italia, auxiliado por Narzés. Este general, que havia submettido a Italia a Justiniano, acabava de ser chamado a Constantinopla pela imperatriz, para fiar com os demais cunucos. Eu lhe fiarei, respondeu elle, um linho que em toda a sua vida ella não será capaz de o gastar.»

Convidou Alboin a dirigir-se a Italia. Este já lhe conhecia o caminho. Alboin abandonou portanto a Panonia, a Servia e os outros paizes em que tinha reinado até então; entrou em Italia e em poucos annos conquistou-lhe toda a parte septentrional, não encontrando resistencia senão em algumas cidades. Pavia caiu no seu poder depois de um cerco de tres annos.

Alboin tinha reinado em Italia só tres annos e meio, quando morreu em Verona, aos golpes de um assassino estipendiado por sua mulher Rozamunda.

Segundo a historia, Alboin attrahiu o odio de sua mulher n'um banquete onde lhe apresentou, cheia de vinho, uma taça feita do craneo de Cunimando, convidando-a a *beber com seu pae*.

Rozamunda, para se vingar d'este insulto feroz, envolveu n'uma conjuração Abmichilde, nobre lombardo; mas este não sou combater Alboin, o mais valoroso dos guerreiros.

Então ella escolheu entre os simples soldados um homem afamado pela sua força herculea, e depois de se haver prostituido com este homem, deixou-lhe a escolha ou de morrer victima do ciume de Alboin, ou de a servir na sua vingança.

Rozamunda introduziu este soldado, chamado Perideu, no quarto do rei, que estava dormindo, depois de comer. A rainha tivera o cuidado de lhe tirar todas as armas, excepto uma espada, que ella prendera fortemente á bainha.

Acordado pelos golpes do assassino, Alboin tentou em vão desembainhar a espada, pegando por fim n'um escabello, com que procurou defender-se até cair morto.

Os assassinos fugiram para Ravenna e morreram miseravelmente. A Perideu arrancaram-lhe os olhos e Rozamunda suicidou-se, envenenando se.

Alfieri, na sua tragedia *Rozamunda*, e o poeta Fouqué, no seu *Alboin*, fizeram d'este acontecimento o assumpto de duas composições notaveis.

VIAGENS EM BALÃO

(O «cone - ancora»)

A nossa gravura representa o aerostato em que o celebre e malogrado aeronauta francez, Silvel, realisou ha annos uma ascensão em Copenhague, com vento do nordeste, que lhe permitia tentar a travessia de Sund para ir descer na Suecia.

A meio do estreito, o vento saltou para o norte. Silvel levava consigo tres passageiros, e não os quiz sujeitar a uma travessia aventureira.

O aeronauta abriu a valvula do balão, aproximou-se da superficie do mar, lançou n'agua o seu *cone-ancora* e este, enchendo-se d'agua, fez deter o aerostato a alguns metros acima do nivel do mar. Os viajantes estiveram assim, perto d'uma hora, embalados pela brisa, n'uma grande tranquillidade.

Este modo de fazer descer os balões no mar, é muito simples, muito pratico e muito effcaz.

Como se vê da estampa, o *cone-ancora* empregado por Silvel consiste n'um cone de lona que, mergulhando no mar, preso por uma corda ao balão, se enche d'agua e o conserva á superficie do mar, dando-lhe a possibilidade de esperar, com toda a segurança, barcos que o salvem.

Se o aeronauta quer continuar a viagem, uma corda delgada, presa ao vertice do cone, e que tem uma das extremidades na barquinha, colloca o viajante nas condições de esvaziar o sacco cheio d'agua e de proseguir na sua derrota.

EM FIM SÓS!

O quarto dos noivos era um d'aquelles pequeninos aposentos, em que a exiguidade de espaço só permite a duas pessoas viverem nos braços uma da outra, esses *boudoirs* deliciosamente ornamentados com luxo e bom gosto, que rivalisam profundamente com os grandes salões nús e frios onde ha um desconforto immenso que põe uma gelida nota de desconsolo no intimo viver do *ménage*.

Pendiam das paredes, em ricas molduras douradas, magnificas gravuras representando idyllios suaves e graciosos pequenitos beijando-se pelo escuro dos bosques, ou brincando doidamente na agua dos regates. O cortinado espesso das janellas, v



ALBOIN, REI DOS LOMBARDOS

dando a curiosidade dos olhares estranhos, temperava a crueza da luz que livremente irrompe a plenos jorros, e fazia dar á sala umas meias tintas suaves e morbidas. Do leito de pau santo, com cortinados de fina gase, evolava-se o doce perfume do fresco linho, perfume indefinivel, que dá arroubos de contentamento intimo e põe uns tons castos na atmospheria de um quarto de cama. Pejavam os tremós montões de *bibelots* caros e frascos de essencias, e no largo espelho do guarda roupa reflectia-se uma estatueta de bronze, simbolisando uma vestal segurando a lampada sagrada, por cujo fogo constantemente velava.

Era já manhã quando, feitas as ultimas despedidas, os noivos transpuzeram o limiar d'aquelle pequenino ninho de amor. Como possuidos de subito receio ou do respeito que de nós se apossa quando entramos n'um templo, quedaram-se mudos e abstractos... E então passou-lhe pela mente a rapida visão do passado feliz, toda aquella epopeia de amor tão puro, que lhe dera arroubos de castissimos perfumes e que sempre deslizara sereno e suave, sem uma pequenina nuvem que, por momentos, os separasse um do outro.

Viam desenhar-se com toda a nitidez da realidade a cerimonia nupcial, vibravam-lhe aos ouvidos as palavras do celebrante e os sons dulcissimos do orgão, e parecia-lhes ainda ser n'aquelle momento a sahida da igreja, por entre as filas dos convidados, em que ella escondia o rosto enrubecido pela alegria com o odorifero ramo nupcial, emquanto que, com ternura infinita, apertava o braço do noivo muito de encontro ao coração.

Depois, o regresso, na caruagem, de mãos enlaçadas e beijos nos labios, aspirando soffregamente a felicidade de pertencerem um ao outro, e indignando-se ao reparar que o mulhierio das ruas se quedava sorridente, chasquinando uns commentarios de malicia picante. Depois, quando desejavam estar livres, longe dos importunos, entregues apenas ás caricias ardentes do seu affecto, é que se viram obrigados a aturar as felicitações dos parentes e as banaes manifestações de sympathia dos convidados, que todos repetiam as mesmas phrases estudadas, de uma banalidade tedienta e atroz. O jantar fôra para elles uma tortura e o baile um supplicio. As horas sempre corriam vagarosas!...

E ao recordarem tudo isto, ao verem-se longe dos indifferentes e dos importunos, elle, n'um impeto de ternura, enlaçou a joven esposa e unindo-a muito ao peito, segredou-lhe n'um beijo: —Emfim sós!

EDUARDO SEQUEIRA.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

NOVISSIMAS

Na arvore e n'este tecido vi este homem—1—1
Anda de dia esta flor—2—1
Esta ave na musica achou prisão—2—1

J. B. PINHEIRO.

Esta virtude na botanica illumina—1—1
No viveiro esta mulher é appellido—1—2

CUNHA VIANNA.

E' preciso, mas incommoda este calor—1—1

SILLAG.

EM VERSO

Minha primeira
E', com razão,
Bem conhecida
Preposição.—2

E se á segunda
Um-a-juntar,
Verá que vérme
Lhe hade ficar.—2

Meu charadista
Dito já deixo,
Que esta terceira
Se vé no queixo.—2

Pois que a charada
Que hoje apresento,

Foi feita em mero
Divertimento.

Castello Branco.

A. MERUJE.

(Retribuição ao habil charadista Pequeno Antoninho)

Estimavel Antoninho,
Não venha suscitar briga,
Levantar hostilidade!
A pennugem que offertou
Dos M. M. á sociedade,
Nunca fructos resguardou,
Pois que alguém a encontrou
N'uma vestidura antiga.—2
Já vé, portanto, meu caro,
Que n'um erro laborava;
E se a firma não achava
A lannugem referida
N'um tecido tão vulgar,—2
O meu amigo andaria
Todo o tempo, toda a vida,
A abrir, a vér, a estudar!...
Velhos livros folhearia,
Diccionarios consultava...
E um medonho abracadabra
De pensamentos profusos
O atacavam, confusos,
Em cruel *dansa macabra!*

Porto.

M. M. & M.

EM TRIANGULO

×	×	×	×	×	×	×	Poeta
×	×	×	×	×	×	×	Poeta
×	×	×	×	×	×	×	Adagio
×	×	×	×	×	×	×	Divindade
×	×	×	×	×	×	×	Desejo
×	×	×	×	×	×	×	Divindade
×	×	×	×	×	×	×	Vogal

MATHEUS JUNIOR.

Logogripho

(Em acrostico)

Tereis em aqui uma cidade,—7, 6, 5, 3, 7, 5
E peixe mui conhecido,—3, 8, 6, 7, 1
Repare que é divindade,—2, 8, 6, 4, 5
E mesmo sendo appellido,—3, 5, 6, 6, 1
Cidade além de deidade—1, 7, 2, 5, 4, 8
Injeito muito instruido,—9, 5, 3, 4, 6, 5

Cidade om ella tende cuidado,—4, 6, 1, 9, 8,
Indica animal p'rigoso;—2, 8, 6, 4, 1
A estreza tereis achado,—4, 6, 5, 4, 8
Dimeja-a o preguiçoso,—3, 5, 3, 4, 1
E á sempre bom resultado—3, 5, 8, 6, 1
Cidade encontra-se no orgulhoso,—7, 5, 3, 7, 5, 2

Ora, leitor, com franqueza,
Isto dito á puridade,
Tendo-se alguma esperteza
E a precisa habilidade,
Vê-se logo, com certeza,
No todo bella cidade.

MATHEUS JUNIOR.

Enigma

(Aos distinctos charadistas:—Pequeno Antoninho, Rodam Tavares e Xavier Rodrigo)

AGRADECIMENTO

Premio, a quem primeiro me enviar a decifração:
Cinco semanas em balão

No meu todo nove letras,
Deve o leitor encontrar;
Mas que são apenas quatro,
Passo já a demonstrar.

As consoantes são tres,
E vogaes só duas vereis;
Mas a segunda do todo,
Outra igual não achareis.

A terceira mais a sexta,
Em tudo são bem eguaes;
Sendo a oitava mais quinta
Irmãsinhas. Concordeas?

A primeira, e mais a nona
São eguaes, podeis crer;
Assim como, quarta e setima
Eguaes são, não ha que vér.

CONCEITO

Na *Historia Natural*
Com certeza devo estar;
Ou então, na zoologia
Podeis o todo encontrar.

Santa Comba Dão

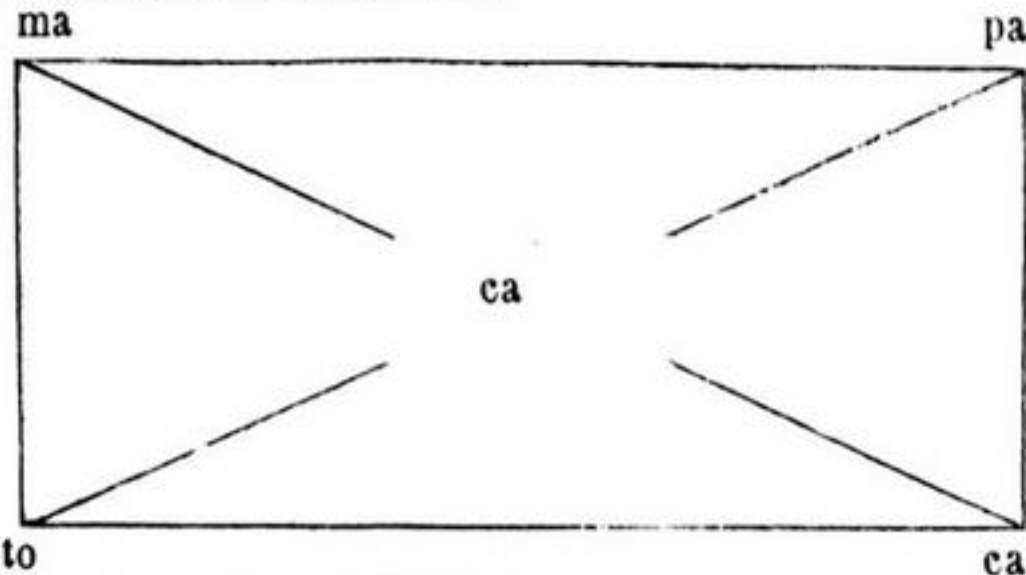
A. DE SOUSA FRANCO.

Decifrações

DAS CHARADAS ELECTRICAS:—Lena—Arga.
DA CHARADA EM QUADRO:—

Na mo ra do
mo ce to na
ra to nei ro
do na ro sa

DA CHARADA CONIMBRICENSE:



Do LOGOGRIPHO:—Trapalhada.

Do PROBLEMA:—Roda de diante 2.^{ma} e de traz 3.^{ma}.

A RIR

O poeta X... tem muito mais talento que meios de fortuna, e não anda, portanto, vestido com grande esmero de *toilette*.

—Pobre rapaz! dizia hontem um dos seus amigos; creiam que tem o estofo d'um bom escriptor...

—Pois terá, mas falta-lhe o estofo d'um bom casaco!

*

Calino a um amigo intimo:

—Sim, meu caro; este miseravel era amante de minha mulher ha dez annos, e nota que nunca m'o disse!

UM CONSELHO POR SEMANA

REMEDIO CONTRA A TOSSE

Em 500 grammas de calda de assucar dissolvem-se:

25 grammas de succo de alcaçuz, e 25 ditas de agua concentrada de camomilla.

Reduz-se a metade, aproximadamente, ao fogo, e toma-se, ás colheres de chá, na occasião dos accessos de tosse.

O THEATRO NO JAPÃO

No Japão todos os divertimentos publicos agradam, mas pelo theatro tem os japonezes um culto especial, cujas manifestações resaltam em qualquer epoca da sua historia.

O facto encontra explicação no temperamento nervoso, excessivamente impressionavel, dos filhos do sol n'scente, capazes de todos os enthusiasmos e de todas as admirações.

O homem do povo ouve com a attenção de um consummado amator o seu drama favorito e ser-lhe-hia difficil privar-se d'esse prazer

Nos dias de spectaculo ha uma animação incrível nas immediações dos theatros; dentro, uma multidão compacta, vestida de gala, occupa todos os logares. As mulheres ostentam as suas magnificas saias de seda, e os seus altos monetes atravessados por largas agulhas, espargindo em torno de si um perfume penetrante.

Muitos espectadores são transportados ao theatro em carrinhos tirados por homens, mas que andam, no entanto, com muita velocidade.

A entrada do theatro cada qual tira as *quetas*, os *zoris*, que os empregados guardam em compartimentos especiaes. Assim o determinam os regulamentos, porque a bulha d'esse calçado de madeira não deixaria ouvir, de certo, a voz dos actores.

Ha theatros muito grandes, como por exemplo o *Chinato niza*, o mais celebre e concorrido dos de Tokio (*Yedo*), onde cabem 3:000 pessoas. E' tão espaçosa esta casa de spectaculo, que a uma parte d'ella chamam, com razão, «camarotes dos surdos».

Descrevemos este theatro como typo nacional, pois que os restantes do imperio, embora mais pequenos, obedecem aos seus moldes.

A divisão é das mais primitivas; não ha bancadas; a platea está repartida em camarotes, do mesmo tamanho, por tabiques verticaes e de igual altura.

Cada camarote leva quatro espectadores, que se sentam no chão, segundo o costume oriental.

A disposição do palco não é menos surprehendente para os europeus. Muito levantado acima do nivel dos camarotes para que todos o vejam sem incommodo, é pequeno, circular, e montado n'um eixo sobre o qual gira.

E', conseguintemente, um circulo completo, do qual fica um segmento occulto ao publico por um panno de fundo.

Quando é precisa uma mutação de scena, gira immediatamente todo o scenario e a parte escondida apresenta-se como nova decoração.

A excepção do panno de fundo todas as decorações são em relevo. Se deve haver casas, são de madeira; as arvores são tambem de madeira, pintadas e carregadas de folhas artificiaes; finalmente no theatro japonéz não existe a pintura scenographica, não ha bastidores, nem bambolinas.

Para remediar a exiguidade do palco recorreram os japonezes a um expediente singular. Os comparsas (guerreiros caçadores), cavallos, animaes selvagens, etc., entram impetuosamente por duas coxias, que vão do fundo do theatro, pela platea, e a descoberto, até á scena.

Quando se abre o panno, o qual corre para o lado em vez de subir, como entre nós, reina o maior silencio na sala. Aquelle publico sente e vive com o artista de cujas sensações partilha. Uma boa situação dramatica é applaudida com delirio, com furia por essas tres mil pessoas até então impassiveis. Depois volta o socego até que chegue outro motivo de enthusiasmo.

As representações duram dois dias, e ás vezes quatro: commecam ás 7 horas da manhã e não é raro prolongarem-se até ás 10 da noite. O numero dos entreactos é variavel, succedendo o mesmo com a sua duração, sendo esta mais geralmente de uma hora. Os maiores entreactos são os que correspondem ás horas das refeições.

Durante os intervallos parte do publico sahe para a rua; outra, sem sahir dos camarotes, banqueteia-se com as provisões que levou. A precaução é acertada em gente cuja paixão pelo theatro a faz estar ali durante pelo menos dois dias. Ha tambem glotões, menos enthusiasmas, que levam todo o spectaculo a comer e a beber.

No exterior, o quadro tambem surprehende. As casas de chá, elegantes pavilhões levantados em meio de jardins deliciosos, fascinam os transeuntes com as suas vistosas amostras e bandeirolas que o vento faz girar em todos os sentidos.

As criadas, vestidas n'esse dia com esplendidos trajes, que recordam a epoca em que a acção da peça representada tem lugar, tratam de reproduzir os gestos dos actores em voga, servindo peixe cru, excessivamente picante, aos gastronomos.

Do jardim sobe o cheiro acre dos pinheiros, o perfume das *sakuras*, flores desconhecidas na Europa, e, ao mesmo tempo, entre as camelias dança um bando de graciosas bailadeiras.

Terminada a representação, os espectadores, exhaustos de forças, retiram-se, para, depois do indispensavel repouso, se entregarem aos labores quotidianos.

Descripto o japonéz no theatro, devemos occupar-nos agora da litteratura dramatica.

*

* *

O theatro de agora é nacional e heroico,—a epopeia em acção, a tragedia antiga.

Os heroes da historia ou das lendas do Japão apparecem no theatro n'uma continua apotheose. Os seus sentimentos são elevados, e os seus pensamentos nobres.

O povo japonês, cavalheiroso, quer encontrar nos seus heroes predilectos todas as qualidades de grandeza de alma e de valor que lhes attribue na sua ideia. Concebe-os grandes e grandes deseja vel-os.

O desinteresse sob todas as formas, a lealdade ao paiz, o amor à familia, tal é o fundo de todas, ou de quasi todas as tragedias japonezas.

O Cid, suffocando o seu amor, corre a vingar seu pae; Horacio esquece os seus para defender a patria; Poliuto sacrifica o seu amor às suas crenças. O mesmo succede no Japão: o espirito de sacrificio anima os personagens das suas tragedias.

E como os sentimentos, as qualidades e os defeitos de um povo se encontram retratados na sua litteratura, a vingança terrivel, mas nobre, occupa um grande logar no-theatro japonês.

Os japonezes, embora de genio brando e muito obsequiadores, são obstinados na vingança de um ressentimento justificado.

Regulamentos antigos, mas ainda em vigor, determinam que os papeis de mulher sejam desempenhados por homens.

*
* * *

E' tambem muito interessante a orchestra, a qual, collocada aos lados do theatro, é composta de musicos cantantes, e não se limita a deliciar os ouvidos dos espectadores com trechos variados. Nos momentos patheticos, quando o personagem que está em scena, tomado de varios sentimentos, percorre o palco agitadoamente, os musicos prorompem em lamentações, acompanhadas pelo som dos seus instrumentos. Explicam ao publico, com monotonico rythmo, os motivos d'aquella colera, d'aquella desespero: revelam os seus pensamentos, os seus projectos e deixam entrever o desenlace.

Compadem-se d'elle ou qualificam-o conforme as circumstancias. E' uma especie do coro antigo, indispensavel nas tragedias.



VIAGENS EM BALAO

(O Cone Ancora)

O que se vinga nem sempre é um dos personagens da peça; em geral são os manes da propria victima ou os de um parente ou amigo, que vem a terra castigar o crime, e premiar a virtude.

Ha poucas tragedias em que não appareça uma especie de Commendador, personagem que produz sempre um effeito poderoso nos espectadores.

O phantasma não é contornado por effeitos de optica. O actor encarregado d'esse papel é suspenso no ar por meio de um mecanismo muito engenhoso: o comprido fato branco com que se veste, ondula magestosamente no espaço. Apparece de um modo imprevisito; pode sahir da parede, descer do tecto, etc.

Chegada a hora da expiação, apparece o phantasma gritando com voz tremula:—*tenho sede da tua vida* e cobrindo o culpado de maldições, mata-o. Praticado o acto de justiça o phantasma some-se tão mysteriosamente como apparevêra.

O publico fica petrificado de assombro e admiração, e só ao cabo de uma lenta reacção, é que resoam os gritos de enthusiasmo.

As paixões amorosas occupam o segundo plano no theatro japonês, ao contrario do que succede na Europa, onde não ha drama, opera, ou tragedia, que não contenha intriga de amor.

A tragedia japoneza procede, como toda a litteratura nacional, da epopeia.

A historia não diz que o carro de Thespis haja atravessado a Asia para iniciar os povos do extremo Oriente nos encantos das suas bacchanaes. A epopeia nasceu, portanto, espontaneamente entre os japonezes, ha muitos seculos, dando á luz, ao aperfeiçoar-se, a tragedia, e perpetuando-se em toda a sua integridade até aos nossos dias, por intermedio dos trovadores, os quaes, desde a mais remota antiguidade, tem levado por montes e valles a historia do paiz.

Chamados n'outras epochas às residencias senhoriaes, tinham por auditorio a primeira nobreza do imperio, e, quando installados ao ar livre, a multidão ouvia com enthusiasmo os seus poemas cantados. Ainda hoje tem descendentes e existem numerosos cavalleiros errantes da poesia, que sabem suspender dos labios uma multidão ávida de tudo quanto é maravilhoso e phantastico.

A. Z. A.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica